



QUADROS QUE CHORAM

Paulo Marcelo Spínola Ramos Pereira e Pereira¹
Jadirlete Lopes Cabral²
Itayara Cunha D' Santiago³

Eixo – Produção Científica

Resumo

A presente proposta trata da relação entre o gênero textual lenda urbana e os quadros do pintor italiano Giovanni Bragolin, os chamados The Crying Boys, tornados famosos na Inglaterra dos anos 70 e 80, por estarem associados a diversos eventos envolvendo incêndios além de outros relatos que podem ter sido verídicos ou não. Este trabalho se propõe a investigar a história dos quadros de Bragolin para melhor analisar o desenvolvimento das lendas urbanas que, segundo especialistas nesse campo, são um gênero textual próprio das narrativas contemporâneas por estarem associadas aos canais de difusão midiáticos como a televisão, internet e redes sociais. Essa associação sem dúvida alguma, colabora para potencializar o envolvimento do público nas histórias propagadas. Por isso, em consonância com os estudos relacionados à cibercultura, à construção das mitologias, a semiótica e à história, estabelecemos um diálogo das obras com o gênero textual lendas urbanas, a partir da fundamentação teórica sustentado por LOPES (2008), SEGAL (1998), SANTAELLA (2014) e LEÃO (2011).

Palavras-chave: Lenda Urbana. Mitos. Semiótica

Introdução

A obra de Giovanni Bragolin se tornou famosa a partir da divulgação de uma lenda urbana, originada na Inglaterra, nas décadas de 70 e 80. Conta-se que um certo tabloide inglês, querendo alcançar um número maior de leitores, publicou a notícia de um incêndio em que apenas um quadro, assinado pelo pintor italiano, sobreviveu às chamas.

A partir daí, várias outras matérias surgiram, com relatos de testemunhas, sugerindo, inclusive, que tais quadros estariam relacionados a um provável pacto sobrenatural e que o autor, inspirado por um sonho, teria submetido as crianças neles retratadas a rituais malignos,

¹ Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Professor Substituto no curso de Jogos Digitais da UNEB, spinvsspin@gmail.com.

² Universidade Federal da Bahia - UFBA, Professora Associada 1 de Língua e Literatura Italiana, CAEL/ILUFBA, jadecabral2017@gmail.com.

³ Mestranda/GESTEC-UNEB; Supervisão Escolar -UFRJ; Psicopedagogia-AEM; Pedagogia-UCSAL/ Letras/Inglês-UFBA; Direito-UFBA; e-mail: itayara2006@yahoo.com.br

culminando até mesmo em suas mortes. Contava-se ainda que tais quadros teriam mensagens subliminares capazes de trazer maldição ao seu proprietário. Toda essa série de boatos provocou uma comoção social à época, porque os conhecidos quadros, *The Crying Boys*, eram muito populares na Inglaterra, conseqüentemente, a maior parte da população estava sob maldição. O jornal *The Sun* chegou, até mesmo, a organizar uma grande fogueira junto com os habitantes da cidade para dar fim a todos os quadros existentes nos lares ingleses.

Essa história chegou ao Brasil no início dos anos 80, através de uma suposta entrevista concedida ao Fantástico, da Rede Globo de Televisão, após o pintor ter se arrependido do pacto feito com forças sobrenaturais. A pergunta que nos cabe nesse momento é: por que essas histórias, construídas e transmitidas oralmente, de cunho sensacionalista, surreal, fantasioso, afetam tanto o imaginário coletivo?

Para responder a essa pergunta, recorreremos à ótica do saber brincante e de sua relação com o lugar, a história e a memória, para percorrer em direção a uma investigação por informações dos quadros, por seu desenvolvimento e pela construção das histórias acerca dos mesmos, como Leão (2011, p. 216) afirma,

A partir de uma situação para a qual se direcionam diferentes histórias é possível apreender aspectos singulares. Essa possibilidade ocorre quando são mantidos em jogo alguns processos em que se constituem elementos dessa situação, levando em conta a diversidade das situações para evidenciar a permanência das formas e a particularidade de cada configuração.

Por vezes, e intencionalmente durante a pesquisa aqui resumida, essas histórias podem se revezar entre fantasia e realidade, pois ao mesmo tempo em que informações verídicas dessas histórias, que permeiam os quadros de Bragolin, são levantadas, as mesmas nutrem igualmente o arcabouço de rumores e de mistério que circunda a sua mitologia.

Aqui cabe uma observação acerca das circunstâncias nas quais este trabalho se realizou. Foi através da cooperação de três pesquisadores, no ano de 2021, que esses Quadros que Choram vieram à tona. Um ano marcado pela continuidade das medidas emergenciais tomadas devido à pandemia do vírus COVID-19, um ano marcado por mudanças de paradigmas políticos, sanitários e midiáticos.

Oferecemos aqui então a certeza de que o ano de 2021 definitivamente não foi isento de seu próprio revezar de informações verídicas, fantásticas e dos sentimentos fortemente humanos que alimentam o “crescendo” de lendas e mitologias do imaginário coletivo, sejam esses sentimentos o medo, como nos olhos marejados das crianças nos quadros de Giovanni Bragolin, ou a esperança por dias melhores e vindouros.

Deste modo, nosso objetivo é o de propor um diálogo triplo acerca do gênero textual da lenda urbana a partir da perspectiva semiótica, das histórias circundando o mito e da análise da construção desse gênero a partir dos quadros *The Crying Boys* pintados pelo artista italiano.

Metodologia

Utilizamos para a fundamentação teórica deste trabalho o estudo sobre lendas urbanas de LOPES (2008), SANTAELLA (2014) para a análise semiótica dos quadros, a visão de Carl Jung acerca das mitologias através da ótica de SEGAL (1996).

O saber brincante apresentado por LEÃO (2011) dialoga com o propósito de elucidar a respeito da construção das lendas e mitos acerca dos quadros que choram. Decidimos investigar o programa da rádio BBC 4 chamado *Punt PI*, que pode ser traduzido como Investigador Pessoal Punt, protagonizado pelo comediante Steve Punt, e que trata de investigações por parte do mesmo relacionadas aos mistérios que ocorreram na Grã-Bretanha. Os quadros de Giovanni Bragolin e as manchetes sobre os incêndios que os deixaram famosos são o tópico do episódio 4 da terceira temporada do programa, que foi ao ar no dia 24 de Setembro de 2010.

É do interesse desse processo investigativo também mencionar a trajetória do autor, cujo nome real é Bruno Amadio, conhecido por ser um pintor formado academicamente e nascido na cidade de Veneza, onde o mesmo contratou, através de entrevistas e anúncios de jornais, os modelos, ou quem sabe as vítimas, de seus quadros.

A semiótica faz parte de nossas vidas, uma vez que estamos sempre fazendo a leitura do mundo que nos cerca, utilizando conceitos conscientes ou, muitas vezes, inconscientes que nos fazem atribuir significados a tudo ao nosso redor. Dessa forma, existe um sistema de significação formado por signos, linguagens, ou seja, tudo que existe no mundo e apresenta um significado para o indivíduo, que podem ser verbais ou visuais. O século XX é marcado pelo surgimento de duas ciências da linguagem: a Linguística, que é a ciência que estuda a linguagem verbal humana e a Semiótica, que é a ciência que estuda toda e qualquer forma de linguagem. Com isso, ressalta SANTAELLA (1983, p. 1): "O nome [...] vem da raiz grega semeion, que quer dizer signo. Semiótica é a ciência dos signos". No entanto, não está relacionada ao zodíaco ou à Astrologia, mas aos signos existentes nas linguagens, que são fundamentais à comunicação.

As imagens foram as primeiras expressões de cultura humana conhecidas muito antes do registro da palavra com o surgimento da escrita. As pinturas ou gravuras pré-históricas das cavernas chamadas arte rupestre, possibilitaram registros que revelaram os costumes, valores e

comportamento daquele período. Entretanto, a escrita, desde o século XV, com a revolução da imprensa, ganhou grande repercussão; entretanto, apenas no século XX a linguagem imagética começou a ganhar maior atenção e a transformar as relações humanas, pois a linguagem não verbal também expressa sentido e transmite mensagens. Contudo, ao analisarmos uma pintura, como todas as outras formas de linguagem, precisamos observar o contexto e a época em que foi produzida, a fim de alcançar melhor compreensão do que ela comunica.

O diálogo entre nossa análise do gênero textual da lenda urbana e a obra de Giovanni Bragolin é caracterizado por múltiplas referências, desenvolvendo uma rede complexa de análises pela interdisciplinaridade que evoca, com a intenção de investigar e pontuar alguns dos elementos conformadores que estruturam esse fenômeno em nosso imaginário pessoal e coletivo.

Resultados e Discussão

Lopes (2008) trata a questão no seu artigo *Em busca do gênero Lenda Urbana*, primeiramente dialogando com diferentes autores, para trazer à luz a discussão acerca de uma possível definição do termo lenda, embora reconheça a dificuldade em circunscrever um conceito tão amplo e vivo em uma única definição. Mesmo assim, destaca que tal narrativa pressupõe que os sujeitos envolvidos estejam imbuídos de crença e de medo, pois são esses elementos que lhes permitirão verbalizar seus próprios medos e ansiedades para, em consequência, serem liberados, como em uma catarse, das suas emoções negativas.

Quando, porém, se trata de conceituar lendas contemporâneas, torna-se ainda mais difícil, pois estão implicados nesse gênero outros tantos subgêneros, provocando muitas vezes divergências conceituais entre os teóricos. Para fins didáticos, Lopes destaca, portanto, cinco possíveis definições, cada uma delas abordando um aspecto da composição do gênero: a) Lenda em contexto; b) Lenda como resposta coletiva; c) Lenda entre o mundano e o extraordinário; d) Lenda como gênero emergente; e) Lenda como dialética.

Ao observarmos os quadros *The Crying Boys* e suas correspondentes produções textuais através do gênero literário Lenda Urbana, podemos encontrar marcas semióticas tanto no texto transmitido oralmente quanto nos quadros que deram origem a tal lenda, responsáveis pela comoção social, provocando medo e terror, na Inglaterra das décadas de 70 e 80. A comunicação visual que os quadros transmitem através das imagens de crianças em diferentes cenários, sempre com aparência de tristeza e abandono, são formadas por texturas, cores, linhas, sombra e luz, compondo um fluxo de signos pictóricos que agem automaticamente no cérebro

para processar com rapidez o máximo de detalhes que podemos ver na imagem de cada uma das 27 telas, aproximadamente, pintadas pelo artista plástico italiano, cuja intenção comunicativa estaria provavelmente associada a uma visão de mundo determinada pelo estilo artístico por ele escolhido. Tais imagens, cuidadosamente delineadas, serviram como pano de fundo para as narrativas sobrenaturais, construídas a partir de um fatídico incêndio ocorrido naquele contexto enunciativo.

Acompanhamos nos resultados desta pesquisa os também resultados da investigação de Steven Punt acerca dos quadros e dos elementos que poderiam estar envolvidos na construção dessa lenda urbana. O comediante fez questão de levar sua reprodução do quadro e de testá-la em laboratório, simulando uma situação de incêndio, o que acarretou em uma conclusão inusitada para o programa da rádio BBC. O resultado deste experimento está disponível em vídeo no *Youtube*.

Conclusões

Nos encontramos durante o desenvolvimento deste estudo em contato com indagações que nos atingiam em um nível humano e plural, traçando paralelos entre a construção dos elementos fantasiosos e míticos ao redor desses quadros e os ardores e questionamentos referentes aos contextos de nossa contemporaneidade, particularmente acerca da situação da pandemia do COVID-19 e suas repercussões.

De que forma o medo se estrutura dentro do imaginário humano? Quais são os elementos que dão forma a uma história de terror e como ela se propaga através das pessoas que a escutam? Os gêneros literários têm nutrido a criatividade de escritores através de caminhos dicotômicos, ou seja, o bem e o mal, mas também cinzentos, onde o herói pode ser o vilão e a mocinha nem sempre precisa ser salva.

As lendas urbanas trazem consigo a irreverência do empirismo, a falta de técnica e geralmente de intencionalidade por aqueles que as propagam, porém tornam-se pertinentes no pensamento coletivo de uma forma eficiente e difícil de se replicar com fidelidade. O contar de histórias faz parte da natureza humana, escutá-las e trazê-las para o paradigma da realidade também. Deixamos então claro, por nossa própria experiência, que os estudos acerca desse gênero textual frequentemente irão se beneficiar com um enriquecimento, aceitação e identificação por parte dos leitores.

REFERÊNCIAS

LEÃO, José Antonio Carneiro. Saber brincante: cosmovisão e ancestralidade como processo educativo. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia - UFBA. Faculdade de Educação - FACED, Salvador - Ba, 2011.

LOPES, Carlos Renato. Em Busca do Gênero Lenda Urbana/ Carlos Renato Lopes. Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 8, n. 2, p. 373-393, maio/ago. 2008 Disponível em: https://www.academia.edu/778743/Em_Busca_do_G%C3%AAnero_Lenda_Urbana_2008_

Punt PI. Reino Unido: BBC 4. 24 de Setembro de 2010. Programa de Rádio.

SANTAELLA, Lúcia. O que é Semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1983. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmFyaW9sdWNpYXNhbnRhZWxsYXxneDo0OTlkODc5ZmNlZjY1ZTZh>. Acesso em: 23/06/2021.

SANTAELLA, Lúcia. Leitura de imagens. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SEGAL, Robert A. Theorizing About Myths. Amherst: University of Massachusetts Press, 1999.